

LOBO DA COSTA NO PARTENON

Ir. Elvo Clemente

Poucos poetas tiveram a consagração popular de Francisco Lobo da Costa, nascido em Pelotas, 12 de julho de 1853, e falecido na cidade natal, 18 de junho de 1888. Os seus versos são repetidos ainda hoje em rodas e celebrações nas cidades que perambulou em sua malfadada e irrequieta existência: Rio Grande, Bagé, Dom Pedrito, Porto Alegre, São Paulo e outras. Participou, desde logo, das atividades do Partenon Literário, sociedade que congregava as melhores vocações literárias, políticas e culturais da Província.

Lobo da Costa caracterizou-se pela espontaneidade no verso e na verve pronta e oportuna. Era a alegria e o encanto dos saraus familiares da boa sociedade da época. Os seus versos celebram aniversários, evocam recordações, comemoram datas nacionais e de exaltação popular, compartilham da luta política em prol do movimento abolicionista e republicano.

A sua poesia romântica ferve na tristeza:

Sou triste e só neste mundo
com a minha lira quebrada,
Só tenho na alma os gemidos
Nos lábios nunca um sorriso!
De mim fugiu a alegria
O meu consolo é chorar.

(Dispersas)

Difícilmente encontrar-se-á um romântico tão representativo como Lobo da Costa: na vida, na interpretação social, na literatura.

A dor é profunda e vasta como a tradição humana da arte literária:

Também como Don Juan descri do afeto
A palpitar no coração a custo...
Para mim o suplício de Hamieto
— A dor do Child e a mágoa de Procusto!

(O Minuano)

E a sua tristeza real seria maior que a tristeza sonhada:

O bardo triste que no catre expira

(Auras do Sul)

Lobo da Costa viveu e cantou as paisagens das terras do Sul.

A paisagem rio-grandina que o poeta tanto viveu e tanto amou:

Venho sentar-me aqui, na branca areia
Onde vaga quebrando preguiçosa
Resplandece ao luar — e vem sentida...
Um soluço exalar, como o proscrito...

(Auras do Sul)

Seus versos celebram o trabalho e a alegria dos pescadores:

Os pescadores
Vão cantando ao luar... As serenatas
Embaladas bem a quem sofre... eu quero ouvi-las
quero seguir ao longe os remadores...

(Auras do Sul)

A paisagem noturna desdobra-se em seus poemas na voz lenta e triste:

Vai barca a todo o pano
E a noite rola no céu
Beijando a face do oceano
A gaivota desceul

(Auras do Sul)

O gaúcho vive nos versos do pelotense que sabe sentir a vida e o jornadear do habitante do pampa:

E os ventos que às ramas topam
São gaúchos que galopam
Montados sobre o cipreste!

(Flores do Campo)

O aspecto patriótico tão decantado pelos românticos tem uma presença forte nos poemas de Lobo da Costa.

Em **Flores do Campo** exalta a terra natal com toda a beleza e com os encantos mil:

Se a tua terra é formosa
Se tem espaços de anil,
A minha vale um tesouro
Tem fontes de ouro
Rios maiores que o Douro
Minha terra é o — Brasil.

O seu amor à terra natal é violento e discriminatório sobrepondo o Brasil a outros países, enaltecendo os feitos dos nativos.

O Brasil é minha terra
que lindo céu que ele tem!
Tem por escudo um Cruzeiro,
Tem por asas o pampeiro
E brada ao vulto estrangeiro:
Adiante de mim — ninguém.

(Auras do Sul)

E o grito de nativismo atávico se faz ouvir eloqüente e imitado de Gonçalves Dias:

Sou índio atrevido, criado nas matas,
Ao som das cascatas da meiga Soidão...

(Auras do Sul)

Lobo da Costa foi sensível aos ideais do Partenon quanto à liberdade dos escravos, quanto à proclamação da República.

Lutou pela liberdade dos escravos nas iniciativas abolicionistas e na poesia entusiasta e franca.

Enquanto em fria senzala
Sobre a trapeira atirado,
Sonha o escravo a liberdade
Como um cão acorrentado...
O rico, o nobre que nunca
Teve da glória a emoção
Dorme... e entre sonhos murmura:
— que tolos! que tolos são!

Está aberta a luta social, está determinada a luta do escravo contra o senhor, do pobre contra o rico. São as idéias da época emancipacionista, são as idéias do socialismo que vai traçando as lutas de classes, atitude romântica e sonhadora.

O poeta vislumbra o belo dia da liberdade, e exclama:

— Arredai, nem mais um passo,
Diante a rocha que desaba
— A escravidão que se acaba
Nas terras de Santa Cruz.

(Dispersas)

No "Poema dos Pampas" o poeta deixou alinhavada uma reliquia de amor, de sentimento e de eterna simpatia pelo torção gaúcho. Que ternura desliza nestes versos:

Quieto pasteja o gado
Bebendo, quando em vez, as doces águas,
Daquele rio enfim,
Em curvas recortando
As pastagens do bom Piratinim.

(Dispersas)

Concluirei estas linhas com as palavras que escrevi em "Aspectos da Vida e Obra de Lobo da Costa":

A alma do revoltado contra as injustiças sociais amava a Pátria, a sociedade, os amigos, os irmãos nascidos sob o mesmo céu. Nas diatribes políticas, nos folhetins subversivos deve-se ver a chama sagrada do patriotismo que se estorce entre tantos impecilhos e consegue vencer! Nas estrofes eternas do lírico imortal a labareda do patriotismo alumia as noites escuras de uma existência que se arrastou na miséria após ter vivido dos sorrisos da fortuna...